

Comunovírus

Jean-Luc Nancy

Fonte

https://www.liberation.fr/debats/2020/03/24/communovirus_1782922

O vírus se comunica conosco porque temos que ficar juntos, mesmo que isso signifique isolar um ao outro. A oportunidade de experimentar verdadeiramente nossa comunidade.

Arquibancada. Um amigo indiano me diz que em casa eles falam de "comunovírus". Como você pode não ter pensado nisso? Isso é óbvio! E que ambivalência admirável e total: o vírus que vem do comunismo, o vírus que se comunica conosco. Isso é muito mais proveitoso do que a insignificante coroa que evoca velhas histórias monárquicas ou imperiais. Além disso, é para destronar, se não decapitar a coroa, que o commune deve ser usado.

É o que parece fazer de acordo com seu primeiro significado, pois é do maior país do mundo cujo regime é oficialmente comunista. Não é apenas oficial: como o presidente Xi Jinping declarou, a administração da epidemia viral demonstra a superioridade do "sistema socialista com características chinesas". Se o comunismo, de fato, consiste essencialmente na abolição da propriedade privada, o comunismo chinês consistiu - por uma dúzia de anos - em uma cuidadosa combinação de propriedade coletiva (ou estatal) e propriedade individual (dos quais, no entanto, a propriedade da terra é excluída). Essa combinação permitiu, como sabemos, um crescimento notável das capacidades econômicas e técnicas da China, bem como seu papel global. Ainda é muito cedo para saber como designar a sociedade produzida por essa combinação: em que sentido é comunista e em que sentido introduziu nele o vírus da competição individual, mesmo de sua escalada ultraliberal? No momento, o vírus Covid-19 permitiu mostrar a eficácia do aspecto coletivo e estatal do sistema. Essa eficiência foi tão bem afirmada que a China vem em auxílio da Itália e depois da França.

Evidentemente, não faltam epílogos sobre o renovado poder autoritário de que o Estado chinês desfruta atualmente. De fato, tudo acontece como se o vírus tivesse chegado no momento certo para consolidar o comunismo oficial. O que é irritante é que, dessa maneira, o conteúdo da palavra "comunismo" não para de se confundir - mesmo quando já era incerto.

Marx escreveu com muita precisão que, com a propriedade privada, a propriedade coletiva deve desaparecer e que o que ele chamou de "propriedade individual" deve ter sucesso. Com isso, ele não quis dizer os bens possuídos pelo indivíduo (isto é, propriedade privada), mas a possibilidade de o indivíduo se tornar adequadamente ele mesmo. Você poderia dizer: realizar-se. Marx não tinha tempo ou meios para ir mais longe nesse pensamento. Pelo menos, podemos reconhecer que por si só abre uma perspectiva convincente - mesmo que muito indeterminada - para uma afirmação "comunista". "Realizar-se" não é adquirir bens materiais ou simbólicos: é tornar-se real, eficaz, é existir de uma maneira única.

É então o segundo significado de coronavírus que deve nos impedir. De fato, o vírus se comunica conosco. Isso nos coloca em pé de igualdade (para colocá-lo rapidamente) e nos une na necessidade de permanecermos juntos. Que isso deva passar pelo isolamento de cada um é apenas uma maneira paradoxal de nos dar a experiência de nossa comunidade. Só podemos ser únicos entre todos. É isso que torna nossa comunidade mais íntima: o senso compartilhado de nossa singularidade.

Hoje, e de todas as formas, a co-pertença, a interdependência e a solidariedade são lembradas para nós. Testemunhos e iniciativas nessa direção surgem de todos os lados. Adicionando a isso a redução da poluição atmosférica devido à redução de transportes e indústrias, obtém-se até um encantamento antecipado de alguns que acreditam que já vem a revolução do tecno-capitalismo. Não vamos nos esquivar de uma euforia frágil - mas vamos nos perguntar até que ponto penetramos melhor a natureza de nossa comunidade.

Apelamos à solidariedade, ativamos vários, mas, no geral, é a expectativa da providência estatal - aquela que Emmanuel Macron aproveitou a oportunidade para comemorar - que domina o cenário da mídia. Em vez de nos limitarmos, primeiro nos sentimos confinados à força, por mais providenciais que sejam. Sentimos o isolamento como privação enquanto proteção.

De certa forma, é uma excelente sessão de recuperação: é verdade que não somos animais solitários. É verdade que precisamos nos encontrar, tomar uma bebida e fazer visitas. Além disso, o aumento repentino de telefonemas, e-mails e outras mídias sociais mostra necessidades prementes, um medo de perder contato.

Somos mais capazes de pensar nessa comunidade? Teme-se que o vírus continue sendo o principal representante. É de se temer que, entre o modelo de vigilância e o da providência, permaneceremos entregues ao único vírus como um bem comum.

Portanto, não avançaremos no entendimento do que poderia estar indo além das propriedades coletivas e privadas. Isto é, a superação da propriedade em geral e na medida em que designa a posse de um objeto por um sujeito. A característica do "indivíduo" de falar como Marx é ser incomparável, incomensurável e inassimilável - inclusive para si mesmo. Não é possuir "propriedade". É uma possibilidade de realização única e exclusiva e cuja exclusividade exclusiva é realizada, por definição, apenas entre todos e com todos - contra todos igualmente ou apesar de todos, mas sempre no relacionamento e na troca (comunicação).

Somos capazes de pensar de uma maneira tão difícil - e até vertiginosa? É bom que o coronavírus nos obriga a nos perguntar dessa maneira. Porque é apenas nessa condição que vale a pena, basicamente, trabalhar para removê-lo. Caso contrário, nos encontraremos no mesmo ponto. Ficaremos aliviados, mas podemos nos preparar para outras pandemias.